

Poder Popular

Orgão do Movimento da Esquerda Socialista

Director: Fernando Ribeiro Mendes

Nº Especial 1 de Dezembro de 1975 Preço mínimo 2\$50

RESISTIR PARA VENCER



EDITORIAL

"Poder Popular" sai em edição especial para responder com a verdade dos actos dos verdadeiros revolucionários à monstruosa provocação que as forças da contra-revolução lançam contra a esquerda revolucionária, a classe operária e os trabalhadores.

"Poder Popular" sai quando a voz dos explorados e oprimidos, a voz das organizações populares e revolucionárias está silenciada nos meios de informação.



"Poder Popular" sai quando a ameaça do fascismo volta a ensombrar a nossa pátria, com a ajuda reaccionária dos demagogos social-democratas e a cumplicidade criminosa do PCP.

O jornal do MES sai para alertar os operários e camponeses, os soldados e marinheiros.

Alerta, Camaradas!

Quem os fascistas atacam, ao lançar sobre os revolucionários, e em particular, sobre a nossa organização, as calúnias da sua inventona, é a vossa luta.

PERDEMOS UMA BATALHA,

CRONOLOGIA DO PROCESSO :

SEGUNDA (24)

QUINTA (20)

★ Culminando a ampla movimentação de massas dos dias anteriores, realiza-se uma grandiosa manifestação convocada pelo Secretariado das C.de T.á da cintura indust. de Lisboa.

★ Dominada por palavras de ordem reformistas e atrasadas nela é lida, com enorme entusiasmo por parte das massas populares presentes, um MANIFESTO elaborado por um conjunto de oficiais revolucionários das principais unidades militares da região de Lisboa. Nesse manifesto, defendem-se posições muito claras para o avanço da luta dos trabalhadores - o seu armamento, a criação de um Governo de Unidade Revolucionária, o esmagamento da direita fascista e fascizante.

★ Em numerosos Plenários das principais empresas da cintura de Lisboa, estão presentes oficiais revolucionários que apresentam o seu MANIFESTO, o qual é aprovado massivamente, mostrando assim que as massas sentem cada vez mais a necessidade de ultrapassar as posições conciliatórias do avanço para o verdadeiro poder dos trabalhadores, para o esmagamento da direita. Durante estes Plenários, militantes do PCP apresentam moções no sentido da demissão de Morais e Silva, Pinho Freire e Pires Veloso, apoiando assim explicitamente a luta dos paraquedistas; os Sindicatos sob a influência do PCP vêm também defender esta posição.

EDITORIAL

(cont)

É as vossas conquistas que eles querem destruir. Foram os militares que estavam do vosso lado que eles prenderam.

O jornal do MES sai para chamar à luta os operários e camponeses, os soldados e marinheiros!

Carremos fileiras, camaradas!

Unamo-nos contra os fascistas que querem voltar a impôr a ditadura terrorista do capital!

Organizemo-nos, defendendo as nossas conquistas, os nossos órgãos de luta e de poder!

UNIR, ORGANIZAR RESISTÊNCIA POPULAR!

VIVA A CLASSE OPERÁRIA!
OPERÁRIOS E CAMPONESES,
SOLDADOS E MARINHEIROS,
UNIDOS VENCEREMOS!
O FASCISMO NÃO PASSARÁ!



SEXTA (21)

★ Fazendo parte das manobras da direita para impôr a sua repressão aos trabalhadores, o C.R. decide a substituição no comando da R.M.L. de Otelos de Carvalho por Vasco Lourenço. Imediatamente, os comandos das principais unidades militares da Região - RALIS PM, EPAM... - que desde sempre se têm colocado ao lado das lutas dos trabalhadores, reúnem-se no COPCON, demonstrando ao G. Otelos a sua determinação em não aceitar V. Lourenço, conhecido pelas suas posições de aliança com a direita capitalista.

★ Durante o fim-de-semana, realizam-se uma série de reuniões de personagens de direita; o PS desenvolve, no domingo, manifestações ao nível nacional tentando preparar o ambiente para a repressão à esquerda militar e civil.

TERÇA (25)

★ Às primeiras horas da madrugada, são conhecidas as posições do C.R.: Vasco Lourenço na R.M.L.; licenciamento dos "paras", substituindo-os pelos recém-chegados de Angola

★ Fazendo parte de todo este plano, os fascistas desencadeiam na região de Rio Maior uma série de operações visando o corte de ligações com a cidade de Lisboa. As suas reivindicações são claramente políticas e coincidem ponto por ponto com as posições do C.R.: retirada do G. Otelos, reforço do VI Governo, repressão aos trabalhadores e às forças de esquerda.

★ Respondendo justamente à repressão que sobre eles recaía, (e com o apoio expresso do PCP ao nível civil e militar, assim como das forças de esquerda revolucionária), os "paras" ocupam ao amanhecer, a maioria das unidades da Força Aérea - Monte Real, Montijo, Tancos, B.A. Sintra, Monsanto, EMFA - tomando conta

MAS NÃO PERDEMOS A GUERRA!

dos respectivos comandos com o total apoio dos camaradas dessas unidades, prendendo o fascista Pinho Freire.

★ Posteriormente, num apoio expresso à heróica acção dos "paras", a PM ea EPAM ocupam a TV e as rádios com uma função clara: divulgar correctamente a justa luta; o Cap. Duran Clemente (um dos signatários do Manifesto dos oficiais revolucionários) fala na TV, apelando à mobilização das massas trabalhadoras no apoio a Tancos. O Ralis ocupa posições na auto-estrada no sentido de auto-defesa e vigilância.

★ Unidades militares de vigilância reforçada. É decretado o estado de emergência.

★ Oteló é chamado a Belém e fica retido.



★ Os Comandos do fascista Jaime Neves saem para a rua. E é a partir daqui que se começa a perceber uma coisa muito importante: o PCP que na primeira fase não só apoia como impulsiona a acção dos "paras" (ela foi preparada no COPCON com o apoio do PCP) TRAI DESCARADAMENTE quando se apercebe que o movimento de Tancos ganhava já uma força tal que impedia as conciliações com a social-democracia nas quais o PCP estava empenhado.

E é assim que os marinheiros e os fuzileiros navais se reúnem prontos a dar o apoio esperado, e o "homem forte" do PCP na Marinha impediu esse apoio. Os militantes e simpa-

tizantes do PC em todo o lado se mostram prontos a avançar mas chegam as ordens para ficarem quietos e não fazerem nada! Fácil é portanto perceber que o fascista Jaime Neves

(CONTINUA P. 7)

OS REVOLUCIONÁRIOS NÃO SÃO GOLPISTAS !

Como foi demonstrado abundantemente por frequentes incidentes político-militares posteriores ao 25 de Abril de 1974, há organizações políticas (nomeadamente o PCP e o próprio PS), grupos de personalidades militares (e desde logo os chamados spinolistas) e personalidades civis (como Sá Carneiro) que se caracterizaram como tendo constante propensão para o golpismo, para a tomada do poder à margem do movimento popular.

Como é evidente esse golpismo resulta quanto à burguesia de haver sectores que desde cedo recesaram abertamente o forte avanço da luta da classe operária e dos trabalhadores, dos soldados e marinheiros, preferindo o regresso a formas fascizantes.

Quanto ao PCP tornou-se evidente aquilo que se foi avolumando ao longo deste período: incapaz de responder, como vanguarda, ao avanço da luta de classes em sectores fundamentais, precisando de manter controle sobre os trabalhadores para os utilizar como trunfo nas conciliações feitas a nível do poder central e nas costas dos mesmos trabalhadores, sempre submetido à estratégia internacional da União Soviética, o PCP não podia deixar de quedar-se no oportunismo da mera luta reivindicativa, no controleirismo em todos os pontos em que obteve algum poder e no golpismo que é a única consequência possível de tudo isso, numa situação como a portuguesa que se caracterizou por uma crise acentuada e rápida do capitalismo.

Este golpismo e oportunismo do PCP tinham assim de o conduzir à traição da classe operária e dos interesses fundamentais dos explorados e oprimidos, que entretanto fora procurando utilizar em atitudes de índole golpista.

Esta conjugação de factores determinantes da acção de diferentes quadrantes políticos, sem apagar algumas importantes divergências entre eles, conduziu necessariamente a um ponto de confluência entre eles: acusar de golpistas as organizações da esquerda revolucionária, tentando ilegalizá-las, para procurar dificultar assim a sua efectiva ligação às massas, em cuja luta exerciam cada vez mais função de vanguarda, para assim tentar impedir o desenvolvimento do poder popular e o avanço para o socialismo.

Mas as massas trabalhadoras, saberão julgar onde estão os golpistas e os contra-revolucionários e onde estão os revolucionários anti-golpistas.

Os sectores democráticos da burguesia falsamente socialista enquadrados no PS e representados pelos "Nove" ao nível militar, hegemónicos ao nível do poder político-militar saído da assembleia golpista do MFA em Tancos, limitaram-se nesta fase do processo a uma defesa insequente desse poder, do VI governo e da plataforma e alianças políticas em que assentava, como meio de responderem ao avanço crescente das forças de direita reaccionária.

As forças reformistas lideradas pelo seu bastião, o PCP, desenvolveram nesta fase do processo uma política golpista, aventureira e direitista no plano das alianças políticas e dos objectivos adiantados para o movimento popular de massas, subordinando toda a sua acção à reforma do poder político-militar saído do golpe de Tancos orientado para a reconstrução do MFA e para o escorraçamento das forças mais direitistas do governo. O golpismo aventureiro do PCP, bem expresso no silenciamento da expressão Poder Popular a partir de certa altura, assenta em última análise numa concepção da revolução assente na trilogia "nacionalizações-reforma agrária-hegemonia do partido no seio do poder político-militar", que como é evidente nada tem que ver com a construção do poder dos trabalhadores, das massas populares, nem com a destruição do capitalismo. Desenvolvendo uma política subordinada aos interesses da política externa da URSS, e tolhido pela sua natureza reformista o PCP tentou mobilizar as massas em torno de duas grandes palavras de ordem: "PPD fora do governo" e "militares revolucionários para o Conselho da Revolução" - para obter força à mesa das negociações

com os "Nove" e o PS e simultaneamente estimular a acção de direita que permitisse a sua identificação e isolamento e empurrasse para o seu terreno o sectores democráticos da burguesia. O aventureirismo desta política expresso na subavaliação da força de direita militar, acicada pelo reforço crescente das forças da esquerda revolucionária levou à tentativa votada ao fracasso de, através de movimentações corporativo-reivindicativas no campo civil e militar, pressionar a queda do VI governo e ganhar o máximo de força para a negociação. Abater a direita reaccionária e a esquerda revolucionária pelo desenvolvimento duma tática golpista aventureira era o objectivo do PCP e que o levou nesta fase do processo a trair a classe operária e o processo revolucionário.



O FASCISMO NÃO PASSARÁ!

A esquerda revolucionária e fundamentalmente o MES empenharam todas as forças nesta fase do processo na luta pela generalização da ofensiva popular de massas contra o VI governo da burguesia, pela constituição dum poder revolucionário legitimado pela construção do poder popular, denunciando todas as formas de golpismo, alertando

para o reforço da ameaça fascista e recusando claramente pela sua acção e pelas suas posições públicas qualquer golpe militar de esquerda que nunca poderia levar à destruição do aparelho de Estado burguês e à criação do Exército Popular, e dum aparelho de Estado assente no poder popular, única forma de avançar seguramente na via revolucionária da independência nacional e do Socialismo.

3 Portanto, todas as forças que hoje nos acusam directa ou indirectamente de estarmos implicados num golpe de extrema-esquerda que nunca existiu, são as forças que no passado, no presente e no futuro não farão outra coisa do que golpes nas costas do povo trabalhador.

Os "Nove" e o PS deram o seu golpe da Assembleia do MFA de Tancos que levou à destruição do MFA como força progressista e à queda do V governo de conciliação de classes.

A partir daí mantiveram a sua política golpista entalada entre o golpismo reformista e o golpismo reaccionário de direita até à degradação da situação político-militar que atingiu o seu auge com a suspensão das actividades do VI governo. O 25 de Novembro longe de ser um golpe de extrema esquerda, não passou dum golpe iniciado sob a iniciativa do reformismo e continuado pela acção da direita reaccionária que dele se aproveitou totalmente passando a comandar todas as operações militares que levaram à destruição das unidades militares progressistas e, de certo modo, atenuada e também aproveitada "Nove" para conseguirem reforçar as suas posições, sobretudo na região militar de Lisboa.

Venceremos

4 No meio de todo este conjunto de acções golpistas, as forças revolucionárias civis e militares, conscientes da ameaça fascista e empenhadas numa tática ofensiva claramente alicerçada na actualidade da Revolução e na defesa da única alternativa capaz de resolver os interesses mais imediatos das massas e garantir o caminho seguro para a democracia, o socialismo e a liberdade, foram forçadas a combater neste terreno de luta altamente desfavorável com os objectivos bem precisos de defender as unidades progressistas, os órgãos de classe dos soldados e organizar a resposta popular ao avanço da direita.

dos sociais-democratas do grupo dos "Nove", a conspiração fascista avança.

Assim, pelo facto do MES ter sido uma das poucas organizações que assumiu revolucionariamente a situação criada pelas ocupações das bases da Força Aérea pelos Paraquedistas, apoiando no terreno da luta de massas a luta desses camaradas e dos soldados, marinheiros, sargentos e oficiais progressistas das unidades militares alvo de ataques terroristas, os sociais-democratas e os traidores reformistas procuram caluiar a nossa organização, responsabilizando-a por esse tal golpe de extrema-esquerda, inventona burguesa que abre o caminho ao fascismo.

ao desenrolar dos acontecimentos apoiou explicitamente os camaradas Paraquedistas e a sua justa luta assim como procurou organizar os trabalhadores para a resposta revolucionária às acções militares terroristas desencadeadas contra a PM e o RALIS e outras unidades progressistas. O que o MES não rejeita é a defesa intransigente dos militares revolucionários vítimas da repressão, a defesa das conquistas populares.

Os trabalhadores em Lisboa, em Setúbal, no Alentejo, etc. aperceberam-se claramente com este processo quais as organizações que os servem revolucionariamente e quais aquelas que deles se servem para a conciliação traidora que abriu o caminho ao fascismo. Mas, camaradas, o fascismo não passará, a classe operária, o povo trabalhador, os soldados e marinheiros erguer-se-ão contra a repressão militarista e vencerão apesar das dificuldades e das ameaças que a actual situação impõe. Os trabalhadores e os soldados defenderão os seus órgãos autónomos de Poder Popular (Comissões de Trabalhadores, Comissões de moradores, Conselhos de Aldeia, Comissões de Soldados). Defendendo-se revolucionariamente, a classe operária e o povo trabalhador saberão vencer a ameaça fascista e criar condições para retomar a ofensiva e levá-la ao triunfo.

SAUDAÇÃO À FRETILIN

Nesta fase de duro combate do povo português contra a ameaça fascista e imperialista, o MES saúda o povo de Timor Leste e a sua vanguarda - a FRETILIM, no momento histórico em que é declarada a independência sob a sua direcção.

ABAIXO O IMPERIALISMO
VIVA O INTERNACIONALISMO

A tentativa de tomar as posições consequentes de defesa intransigente dos interesses da classe operária e da Revolução Socialista, a recusa duma posição fácil defensiva, duma posição de exteriormente à luta frontal e limitar-se a comentá-la, demitindo-se desse modo de assumir qualquer posição de direcção, é a única acusação que pode ser feita às forças revolucionárias civis e militares que resistiram e resistem ao golpe reaccionário alimentado pela aventura reformista.

O MES rejeita categoricamente as atoardas que o identificam com a preparação de tal inventona. Mas o que o MES não rejeita é a posição política que assumiu e assume face à gravidade da situação criada. O MES, como organização política revolucionária face

ASSINATURA

Poder Popular

6 meses 100000 12 meses 200000

apoio 300 \$ 00

estrangeiro Europa 400000

Nome _____


MES

este n.º foi composto e posto à venda fora da RNL.

5 Aproveitando a hesitação e a traição do PCP ao processo revolucionário, aproveitando a debilidade militar e ao nível das massas populares

O MES FACE A ENTREVISTA COM O PRES. DA REPUBLICA

Convocado pelo Presidente da República, o Movimento de Esquerda Socialista deslocou a Belém uma delegação da sua Comissão Política Nacional de que faziam parte os camaradas Augusto Mateus, Nuno Teotónio Pereira, Victor Wengoróvius e Edilberto Moço que receberam a comunicação de que quatro assuntos preocupavam o Presidente da República, a saber:

- a) A posse de armas de guerra por civis ou militares fora dos quartéis
- b) A existência de transmissões de rádio clandestinas
- c) A realização de manifestações após o levantamento do Estado de Sítio
- d) A necessidade de aumentar a produção

Sobre estas questões, em relação às quais era pedida colaboração, ao mesmo tempo que se comunicava que seria levado a cabo um vasto conjunto de acções por parte das forças militares e militarizadas no sentido de recuperar as armas e os emissores, a posição defendida pelo MES foi a seguinte:

1. O MES não possui armas de guerra nem emissores.
2. O MES considera que estamos a assistir a uma ofensiva repressiva e reaccionária sobre o movimento popular de massas e as organizações revolucionárias, fruto do avanço das forças de direita ao nível do poder político-militar resultante do golpe reaccionário que levou à desarticulação de unidades militares progressistas e à prisão de militares revolucionários. O MES considera que a ameaça fascista se avivou e que só uma resposta firme das massas populares pode levar a ganhar na resistência à ofensiva repressiva a força necessária para derrotar o fascismo e levar a luta pelo socialismo à vitória. Neste sentido o MES não deu garantia de nenhuma espécie sobre a não realização ou apoio a manifestações, antes pelo contrário, reafirmou a sua posição de continuar a desenvolver os seus esforços no fortalecimento da organização popular e no apoio as justas movimentações da classe operária e dos trabalhadores na defesa das suas conquistas contra o avanço da ofensiva repressiva da burguesia.

3. O MES considera que a batalha da produção só tem sentido quando os trabalhadores se encontrarem no poder, quando o poder estiver ao serviço da emancipação dos explorados e oprimidos. O MES considera que nenhum governo da burguesia ou de conciliação de classes resolverá um único problema que seja relativo às questões que se colocam às massas populares pelo agravamento da crise económica.

4. O MES aproveitou a ocasião para afirmar que a versão oficial e oficiosa dos últimos acontecimentos é falsa, que visa enganar o povo com o mito do "golpe de extrema-esquerda" tentando ilibar os verdadeiros golpistas, os verdadeiros responsáveis.

5. O MES reafirmou mais uma vez que o golpismo aventureiro não faz parte da sua prática política.

6. O MES defendeu que em relação aos pontos c) e d) nada melhor que o novo poder definir claramente as suas posições perante o povo trabalhador, mas que pela análise que faz da situação política-militar não vê qualquer hipótese de conseguir travar o desenvolvimento da crise económica nem de deixar de provocar o descontentamento das massas de trabalhadores.

TERÇA (25)

quando sai da Amadora, fá-lo sabendo que o PCP e as forças civis e militares sob a sua influência o deixariam actuar à "vontade". Se não, como explicar a facilidade com que os Comandos se movimentaram em Lisboa com uma força tão diminuta, se houvesse uma hipótese de resposta conjunta de forças como o Ralis/PM/Fuzileiros? O PC, pois, traiu a ponto de se conluir objectivamente com fascistas, como o Jaime Neves!

★Face a esta situação a direita toma conta de todo o aparelho de Informação (RTP/EN) que passa a ser canalizado do Norte via Pires Veloso (reconhecido reaccionário) começam-se a espalhar uma série de boatos e mentiras tentando criar a confusão nas unidades de esquerda e nas massas trabalhadoras.

★A partir daqui, a acção da direita, através dos Comandos da Amadora e da E.P.C. de Santarém, consegue controlar sucessivamente vários pontos.

★Costa Gomes fala ao país; começa a ficar claro quem irá ser o grande bode expiatório de todo o processo: a esquerda revolucionária.

★Dinis de Almeida vai a Belém e fica preso. Entretanto já tinham sido enviados para a prisão de Custóias os elementos revolucionários presos em Monsanto.

★É declarado o estado de sítio e o recolher obrigatório. Mais uma vez os Fuzileiros tentam sair; mais uma vez os controleiros do PC o impedem!

★Carros blindados da unidade de Estremoz saiem para Setúbal comandados por um elemento conhecido pelas suas posições fascistas: Capitão Moura.

CRONOLOGIA DO PROCESSO

[CONT.]

★Durante todo este período, as forças revolucionárias, apesar da traição do PC, resolveram responder ao golpe fascista, em marcha, não passar um "cheque em branco" aos exploradores do povo. Desde logo, mobilizaram as massas operárias da região de Lisboa e lançam uma campanha de informação ao nível nacional. Setúbal, Almada, Cabo Ruivo e outras zonas operárias mantêm-se em permanente vigiância, esperando ansiosamente por directivas

QUARTA (26)

★às 10.30 h a PM é ocupada pelos Comandos, sendo preso o seu comando Majores Tomé, Andrade e Cuco Rosa -dois mortos por parte dos Comandos e um camarada PM.

★A E.P.C. entra em Beirolas comandada por Salgueiro Maia.

★São feitos prisioneiros o cap. Luz (Forte de Almada) e major Borrega (RAC-Oeiras)

Mantém-se o boicote do PCP à mobilização civil e militar.

★Mantem-se a mobilização por parte da esquerda revolucionária -muitos operários pedem armas para defenderem a sua liberdade em perigo.

★A TV e a Rádio (com os jornais cancelados) continuam a desenvolver uma campanha de intoxicação popular, aparecendo com um palavreado todo progressista, tentando fazer crer que o golpe de direita não está em marcha, mas que existiria um golpe de esquerda aventureiro.

★Algumas bases da Força Aérea são desocupadas por decisão própria dos "páras" que se concentram em Tancos.

QUINTA (27)

★Muitas unidades militares mantêm-se ao lado de Tancos, mas sem uma direcção definida, não tomaram a iniciativa. O Ralis acaba assim por ser desactivado



SEXTA (28)

★Começa a ficar claro que o nome da resposta ao dito "golpe de esquerda", é já a direita e não os "Nove" ou os sociais-democratas que dominam as operações. Quem manda no Estado-Maior já não é Vasco Lourenço, mas sim um fascista que dá pelo nome de Loureiro dos Santos.

★Aproveitando esta situação, os PPDs e outros começam a pressionar os órgãos de poder com listas de prisões, etc....

★Muitos militantes e estruturas de base do PC, compreendendo a tática conciliatória, traidora do seu partido, colocam a sua prática ao serviço duma perspectiva revolucionária

★Os SUV convocam uma manifestação no Porto que conta com a presença de 10 a 20 mil soldados e trabalhadores

★Toda a imprensa reaccionária internacional faz coro com a direita portuguesa dizendo que este processo é um golpe esquerdista"

★Arnao Metelo é detido

★Tancos é desactivado às primeiras horas da noite, depois de uma resistência heroica de vários dias à repressão que se abatia sobre os páras

SÁBADO (29)

★É conhecida a demissão de Rosa Coutinho

★As forças fascistas e fascizantes continuam a dominar quase todas as operações militares, saltando por cima dos nove, comprovando assim que todos estes acontecimentos (V. Lourenço na RML, repressão a Tancos, prisões e saneamentos) fazia parte sim de um golpe de direita.

★A sede central de MES é desalojada pela PSP no seguimento dum processo que vinha de vários meses, fazendo parte daquele plano - reforço e -norme das forças de repressão tradicionais (a PSP e a GNR -inimigos declarados dos trabalhadores - foram "armadas" até aos dentes); tentativa de aniquilamento das organizações consequentemente revolucionárias, como o MES.

★A Presidência da República convoca o MES e outras organizações para Domingo.

Resistamos e Venceremos

1 A coberto dum pretensão golpista da "extrema-esquerda que nunca existiu e do seu "desmantelamento" estamos a assistir a uma ofensiva repressiva sobre o movimento popular de massas e sobre os militares revolucionários. Esta ofensiva foi preparada com larga antecedência pelos oficiais reaccionários, alguns dos quais saíram nos sucessivos avanços do processo revolucionário (25 de Abril, 28 de Setembro e 11 de Março) nos aspectos politico-militares operacionais e pela acção dos partidos da burguesia (CDS, PPD e PS) que há muito vinham desenvolvendo uma campanha desesperada contra o Poder Popular, os militares revolucionários e o desenvolvimento do processo revolucionário.

A ofensiva repressiva da direita apoiada na acção golpista dos comandos e dos seus chefes politico-militares visa muito claramente satisfazer os interesses da burguesia e do Imperialismo, reprimir os órgãos unitários de base dos trabalhadores e tentar aniquilar as organizações políticas que combatem consequentemente na defesa do povo trabalhador na sua luta pelo Poder Popular, pela independência nacional e pelo Socialismo, para voltar a implantar no nosso país a ditadura repressiva da burguesia.

Assim, neste momento o fascismo ameaça gravemente os trabalhadores portugueses.

2 Aproveitando a declaração do Estado de Sítio, os fascistas, os reaccionários, os sociais democratas e os reformistas desenvolvem uma acção comum no que respeita à responsabilização da esquerda revolucionária pelo pretensão golpe de 25 de Novembro

Vejamos qual o passado recente da actuação das várias forças e tendências políticas e militares.

Com a consolidação da burguesia no poder através do VI governo e da tomada de fortíssimas posições no seio do Conselho da Revolução, que assim se transformou em Conselho da contra-revolução, desenvolveu-se uma poderosa ofensiva de massas que na prática impediu a consolidação desse poder burguês direitista.

No decurso desta fase do processo revolucionário assistiu-se a um avanço de toda a direita, militar e civil, que, aproveitando-se da inconsequência dos sectores democráticos da burguesia falsamente socialista, ganhou rapidamente força recuperando muitas das machadadas que o desenvolvimento do processo revolucionário lhe tinha vibrado. As bombas e os panfletos do ELP e do MDLP, o renascer de movimentações reaccionárias tentando captar o descontentamento de algumas camadas da população perante as hesitações do poder instituído e o avançar da crise económica a aglutinação dos oficiais reaccionários sob uma direcção única e uma perspectiva de liquidação do processo revolucionário, e a radicalização à direita de forças como o PPD, são a prova disso.

(CONT. PAG. 4)



Os sucessivos comunicados oficiais e officiosos têm enganado o povo. Utilizando a boa maneira de antes de 25 de Abril todo o aparelho de propaganda que neste momento funciona, as várias tendências que se debatem do nível do poder tentam passar um atestado de embrutecimento ao povo trabalhador do nosso país, desenvolvendo a fábula do "golpe da extrema-esquerda".



em todas as fábricas, empresas, quartéis bairros e escolas - formemos:
COMISSÕES PARA A LIBERTAÇÃO DOS MILITARES REVOLUCIONÁRIOS PRESOS